
DESCAMINHOS DA RAZÃO E A CRISE NA CONTEMPORANEIDADE: CONSIDERAÇÕES ACERCA DOS MODOS DE SER ELEGIDOS PELO CAPITALISMO DE CONSUMO¹

Jean Marlos Pinheiro Borba²

O capitalismo, em essência, cria e se apropria das tensões e crises que gera. As crises econômica, financeira, social e da subjetividade vivenciadas nos tempos hipermodernos (tempos de excesso) evidenciam a constante atitude natural dos contemporâneos. Faz-se um percurso pelos fundamentos da fenomenologia husserliana apontando-se alguns dos indicativos da crise atual. Crise em Husserl (2008) é fundamental para caracterizar a humanidade e, pode perfeitamente evidenciar também as características da

¹ Trabalho originalmente apresentado no II Congresso de Estudos Fenomenológicos do Paraná e *II Congresso Sul Brasileiro de Fenomenologia*, com o tema Vínculo, Relação e Diálogo, realizado na cidade de Curitiba – PB no período de 02 a 04 de junho de 2011, promovido pelo Núcleo de Desenvolvimento Humano – NEDUH da Universidade Federal do Paraná, <http://www.humanas.ufpr.br/portal/fenomenologia/>

² Professor do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão – UFMA; Pós-doutorando em Filosofia pelo IFCS/UFRJ; Doutor em Psicologia Social – POSPSI/IP-UERJ (DINTER UERJ-UFMA); Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Fenomenologia e Psicologia Fenomenológica – CNPq-DEPSI-CCH-UFMA; e-mail: profjeanmarlos@yahoo.com.br ou profjeanmarlos@ufma.br

contemporaneidade. A crise de 2008, vivenciada no mundo inteiro, revela até hoje questões clássicas já apontadas pelo filósofo: ausência de fundamentos, descaminhos da razão, opção pelo progresso técnico-científico. Discute-se as estratégias oferecidas pelo capitalismo à humanidade para capturar a subjetividade. A opção por um mundo técnico-científico artificializado, onde há corpos artificializados, felicidade e paz como mercadorias ao lado de subjetividades fluídas, ratificam a permanência da crise, e das alternativas sistêmicas, criadas para “burlar” a crise: livros de auto-ajuda, medicina estética, uso compulsivo de medicação, “acalmar” angústias e prolongar a vida, mesmo sem qualidade, ação do pensamento positivo e da unidimensionalidade do homem contemporâneo. Utilizou-se a atitude fenomenológica e as contribuições de frankfurtianos, a fim de “ver direto”, em carne e osso (Husserl), a crise na contemporaneidade. O olhar direto revela um caos criado pelo capitalismo, que aumenta a miséria humana via subdesenvolvimento, em essência, retirando-se o (sub) e o (des) do termo desenvolvimento aparecerá a finalidade sistema: lucro a qualquer preço.

1 INTRODUÇÃO

A fenomenologia é a ciência das essências dos fenômenos e foi criada por Edmund Husserl (1859-1938), a partir dos seus estudos e das contribuições de outros pensadores. Suas inquietações a cerca do modo como a Filosofia e a Psicologia e outras áreas do conhecimento haviam se apropriado no método científico, promovendo a separação entre objetividade e subjetividade no processo investigativo e produção do conhecimento foi o estopim para o início de sua empreitada fenomenológica.

Nessa caminhada, Husserl se depara com os discursos das linguagens matemática, psicológica e filosófica que haviam se

adaptado ao método e discurso da razão científica. Sua formação matemática e seu interesse pela Filosofia e pela Psicologia fomentaram sua inquietação pelo modo como a consciência era investigada. Por entender que ambas eram ciências do espírito e precisavam ter um método de rigor próprio para investigar o vivido, o fenômeno concreto que apareciam à consciência, Husserl cria o método fenomenológico. Insiste ele que a linguagem racional que dominava e ainda domina a ciência até os dias de hoje, havia promovido a separação consciência/mundo e, por conseguinte, sujeito/objeto, bem como a naturalização da consciência e a matematização da vida.

O principal fundamento da fenomenologia husserliana é a consciência intencional, onde os atos são intencionais e movem o homem numa relação noesis-noema, pois a consciência usa-se de linguagem – nas mais diferentes expressões quer seja pela palavra, quer seja pelas atitudes, quer seja pelo corpo – para demonstrar a sua intencionalidade. Suas motivações ou mesmo seu estado natural.

A intenção central é de discutir os **Descaminhos da razão e a crise na contemporaneidade**: considerações acerca dos modos de ser elegidos pelo capitalismo de consumo. Este tema nos faz por em cena a preocupação com a noção de fundamento que é tão cara à fenomenologia husserliana e ao momento contemporâneo, onde o capitalismo, oferece modos de ser de não-vínculo, de esvaziamento de diálogo e de relações marcadas pelo aspecto financeiro, quer no mundo da vida, quer no mundo acadêmico.

O sentido, então, deveria ser ligar, promover a reflexão, entretanto cada vez mais os produtos da relação técnico-científica promovem um distanciamento do homem de si mesmo, dos seus vínculos e dos seus modos de relacionar com aquilo que em essência deveria ser principal: o próprio homem e sua relação com o mundo e com os outros.

Para a ciência o mundo é apenas um lugar físico onde o seu domínio ocorre, predomina e promove modificações, sempre focado no crescimento, no progresso e, no caso das relações contemporâneas cada vez mais superficiais e fluídas, assim como apresenta Bauman em seus textos.

O capitalismo, em sua fase atual, capitalismo de consumo³, propõe ao homem contemporâneo dia-a-dia um mergulho nos “prazeres” da técnica, da mercadoria e do progresso. Ao se permitir manter-se em atitude ingênua e natural o homem concorda com sua condição de objeto do sistema e não de sujeito, permite-se transformar-se em mercadoria e promove o deslocamento do sentido da vida, dela própria, para a pose e acúmulo de mercadorias e objetos de consumo.

2 FENOMENOLOGIA, CAPITALISMO E SUAS CRISES: ALGUMAS REFLEXÕES

Edmund Husserl, pai da fenomenologia, em seus textos A filosofia como ciência de rigor, As Conferências de Paris e a Crise da Humanidade e a Filosofia fez, intencionalmente, reflexões e duras críticas ao modo que a ciência moderna havia se apropriado da natureza, da técnica e, acima de tudo, do drástico e equivocado uso que estas fizeram da técnica e do conhecimento principalmente quando possibilitaram a propagação da atitude ingênua dentro da própria Ciência e Filosofia.

A ciência se apropriou da Razão, instrumentalizou-a, bem como da técnica para propagar a separação entre sujeito-objeto, entre

³ Para compreender o uso do termo sugiro ler As três eras do capitalismo de consumo em A felicidade Paradoxal de Lipovetsky (2007) ou a comunicação Literatura de auto-ajuda financeira e o Capitalismo de Consumo apresentada pelo autor no V Encontro Nacional de Estudos do Consumo e 1º. Encontro Luso-Brasileiro de Estudos do Consumo realizado na ESPM-RJ no período de 17 a 17 de setembro de 2010.

objetividade-subjetividade, entre razão-emoção e, por fim, como assegurou Husserl entre Consciência-Mundo.

A paixão pela aplicação do método experimental, pela possibilidade de uso do raciocínio matemático aplicado às ciências do espírito da mesma maneira das ciências naturais, fez Husserl criticar o predomínio do pensamento positivo, cientificista para a consolidação das ciências normativas. Ciências estas que foram criadas para aprisionar a razão em suas regras, dando a elas mais importância que à própria consciência e a essência do fenômeno.

A ciência moderna inaugurou um modo de pensar e agir objetivo, cientificista e desconectado do mundo da vida e da experiência real da consciência. Ela artificializou o contato do homem com ele mesmo, com os outros homens e com a natureza. O uso e o domínio da técnica passaram a ter mais sentido e valorização do que a própria vida.

Husserl, não teceu críticas ao capitalismo, todavia observamos que em suas reflexões era possível ver sua insatisfação e desejo de questionar a ausência de fundamentos na Filosofia e na Psicologia, ausência esta que levaria a uma crise, principalmente na própria Psicologia que desejava ardentemente o estatuto de ciência do comportamento humano. Crise esta que estava diretamente relacionada ao desenvolvimento da ciência e do uso da técnica pela ciência de modo que isolou o sujeito do processo de conhecimento, da vivência, por fim do mundo da vida, pela construção de mecanismos artificiais para ver a realidade.

Diante de tudo isso, a Psicologia, como ciência, nasce no seio das ciências naturais (resultando de uma aliança do pensamento físico com o biológico), alia-se ao método experimental, passando a estudar o psíquico de modo empírico, em laboratório desgarrado do mundo da vida e da filosofia.

O capitalismo, em essência, cria e se apropria das tensões e crises que gera. As crises econômica, financeira, social e da subjetividade vivenciadas nos tempos hipermodernos (tempos de excesso) evidenciam a constante atitude natural dos contemporâneos.

E o que caracteriza o capitalismo? O capitalismo se caracteriza: a) por uma produção voltada para mercados; b) pelas relações monetárias; c) pela existência de grandes empresas; d) pela preocupação com o lucro e com a acumulação de capital; e) pela livre iniciativa; f) pelas relações assalariadas de produção; g) pelo poder nas mãos de uma minoria; e, h) pela monetarização da vida humanada. (SILVA, 1985)

Já como características centrais, Marcfarlane (1987) aponta: a) a emergência da propriedade privada individual; b) o trabalho alienado generalizado; c) a emergência de mundo artificial; d) a maquinaria substituindo o trabalho humano; e) a alienação psicológica enfatizada por Marc; f) o sistema individualista estatizado por Engels; e, g) um sistema que provoca o desencantamento com o mundo e uma nova atitude em relação à natureza como enfatizou Weber.

Boltanski e Chiapello (2002) apontam três pilares centrais do capitalismo e que – constituem o que eles chamam ser o espírito do capitalismo⁴ diferentemente do que pensam outros críticos, a saber: a) o progresso material; a eficiência e a eficácia na satisfação de necessidades; e c) os modos de organização social favorável ao exercício das liberdades econômicas e compatível com regimes políticos liberais.

Silva (1985), Marcfarlane (1987), Boltanski e Chiapello (2002) possibilitam compreender que o capitalismo possibilitou em escala exponencial, a instauração de um modelo de sociedade pautado na valorização do individualismo e da anulação quase que total das alternativas coletivas de superação de crises. Qualquer movimento nesse sentido é abafado e da própria crise o sistema tira modos de expropriação.

⁴ Os autores fazem uma releitura da obra de Max Weber.

Um dos expoentes do pensamento frankfurtiano, Walter Benjamin, analisou em uma de seus textos clássicos O capitalismo como uma religião, o modo como este sistema construiu seus “fundamentos”, pautados em um culto, sem significado próprio, nem tampouco dogma ou teologia, mas que promovia a idolatria ao dinheiro, como se ele fosse uma imagem de um santo de uma religião católica. Uma religião que passou a determinar o sentido que a vida humana tem na contemporaneidade, já que tudo que o sistema propõe baseia-se no progresso, no crescimento, num discurso falacioso de ter o homem em suas relações com outros homens e a natureza como preocupação.

Pensar o capitalismo a partir de uma perspectiva crítica⁵ não é apenas pensá-lo de modo crítico, e tentar se ajustar aos seus mecanismos de controle e de dominação, mas acima de tudo pensar noutro modo de organização social que não seja mera utopia. “(...) A teoria crítica tem como princípio o interesse por um estado racional, por uma organização social racional que faça justiça a todos” (REPA, 2008)

Ter uma perspectiva crítica e um ver direto dos fenômenos que se mostram à consciência é caminhar numa perspectiva de promover a emancipação humana pela via do esclarecimento⁶ das conseqüências de se ter e se manter a ingenuidade⁷ como uma atitude natural. O cientista age de modo ingênuo e esquece-se da sua própria intencionalidade na condução das suas análises

⁵ A noção de crítica era fundamental para os frankfurtianos e também é para aqueles que tem seus fundamentos como modo de ver os fenômenos sociais e humanos. Nesse sentido Soares (2007, p. 487): “A idéia de crítica não era para eles meramente um dos aspectos da teoria, mas sua própria declaração de princípios: era através dela que se poderia, diante da realidade, colocar em suspenso, sub judice, qualquer juízo sobre o mundo, para sua própria interrogação.”

⁶ Esclarecimento é termo fundamental para os frankfurtianos, que é capturado do sentido kantiano. (SOARES, 2007)

⁷ Husserl (2009) considera que existem dois tipos de ingenuidade do cientista. A primeira ingenuidade da ciência – seu caráter relativo ao homem normal, ao “animal rationale” ou, mais exatamente, ao ser sensível normal e racional. A razão enquanto problema, o enigma da pressuposição da razão. O psicólogo a tematiza, tomando-a já como pressuposta. Já a segunda da ingenuidade refere-se ao caráter essencial de dependência da filosofia, da ciência em relação a sua historicidade – a peculiaridade da historicidade da filosofia, por força da qual ela é, de certo modo, sempre tematizada, sem que, contudo, a história da filosofia (esta ciência em seu sentido habitual) tenha que fornecer premissas para a filosofia atual.

e demonstração dos resultados de suas pesquisas, as evidências de que ele fala, já são em cima, artificializadas e referem-se a um passado enclausurado ou a um futuro idealizado. Já a fenomenologia nos permite evidências⁸ apodíticas coletadas na imediatez do fluxo da consciência. Que visa sempre o ver direto intencionado.

Borba (2009, p. 1) lembra que “Esse modo de pensar ingênuo sobre a natureza das coisas e do mundo como sendo coisas empíricas, é concordando com Husserl, extremamente ingênua, pois se desconsideramos as relações e as *intentiones*, simplificamos ainda mais as vivências à meros objetos de experimentação.”

A ingenuidade de que trata Husserl, estendeu-se a todas as áreas do conhecimento que em sua época e até hoje reúnem consciências e metodologias para sempre e a todo modo e custo ter provas experimentais da realidade, “prendendo”, assim, o fenômeno e retirando-o de sua realidade. Sedução esta difundida pela Ciência natural à Psicologia e à Pedagogia, por exemplo: “A experiência isolada, embora acumulada, tem ainda pouquíssimo valor, a toda experiência se atribui o seu grau de valor, e toda intelecção objetivamente válida da natureza se opera na ordenação e no relacionamento metódico das experiências na reciprocidade do experimentar e do pensar que seguem as suas regras logicamente fixas” (HUSSERL, 1965, p. 16).

A fenomenologia de Husserl nos demanda olhar por trás de nossa absorção ingênua no mundo para examinar a natureza e o papel exercido pelo pensamento que organizou, e mantém organizada, a inteligibilidade desse mundo. (LIBERMAN, 2009, p. 1) É essa busca, esse “voltar às coisas mesmas”, sem aprioris, sem pré-conceitos que conduz a investigação e o ver fenomenológico diante do sentido da crise.

O que é a crise? O que há de invariável nas crises? Qual a sua essência e como ela se caracteriza?

⁸ A evidência é um critério de verdade e de certeza. Ela é o “preenchimento da intenção”, algo que é imediatamente dado. Ziles (apud Husserl 2008, p. 21-22)

Pensar de modo fenomenológico o sentido da crise, não significa ignorar ou anular os conhecimentos produzidos por outras ciências a cerca da crise, mas sim tomar a atitude fenomenológica como norteadora do olhar sobre o fenômeno crise, a fim de compreender os seus sentidos.

Crise em Husserl (2008) é fundamental para caracterizar a existência da humanidade europeia e pode, perfeitamente, permitir compreender e evidenciar as características da crise na contemporaneidade. Sua obra intitulada *A crise da humanidade europeia e fenomenologia transcendental* foi o título segundo da obra que deveria, na verdade, ter sido chamada de *A crise das ciências européias e a Psicologia* (título da conferência de Praga).

A crise é, juntamente com o lucro, a essência do capitalismo na contemporaneidade, já que o lucro deve ocorrer, quer haja ou não a preservação da vida humana e da natureza. E são as crises hoje que alimentam o próprio sistema.

A crise é um produto constante do sistema capitalista e está literalmente inserida no seu projeto utópico, que indica ser ele o sistema viável para o progresso da humanidade. O capitalismo, como foi dito, valoriza manutenção dos lucros a qualquer preço (juros, perda de valores, criação de novos valores, degradação do meio ambiente, vida ou morte humana, falência de empresas, venda de órgãos humanos, especulação financeira etc...) e acima dos lucros a manipulação ideológica da alienação social (ARANHA, 2001). Bauman (2010) assegura ser o capitalismo um sistema parasitário que se apropria de qualquer organismo e tenta dele retirar alimento do modo que melhor convier.

Em sua análise, Mézaros nos diz que o capital vive em uma profunda crise estrutural, que é a essência do próprio sistema, onde ocorre uma séria manifestação dos limites intrínsecos dele próprio.

A fase atual do capitalismo é para Carcanholo (s.d) a de um capitalismo especulativo, que é resultado da financeirização e ainda que sua característica básica é contradição.

Netto (2006) ratifica que a história do capitalismo é marcada por crises sucessivas e por muitas contradições, e ainda por uma dinâmica instável. As crises econômicas datam de 1825 até às vésperas da Segunda Guerra Mundial; de 1937/1938 (interrompida pela guerra); 1929, e a mais recente iniciada em 2008. As crises têm caráter ineliminável e são constitutivas do capitalismo: não existiu, não existe e não existirá capitalismo sem crise. (idem p. 157)

As crises podem ser originadas por um fenômeno político, social ou econômico, ou por uma convergência delas, não existe uma única causa, mas é certo que elas demarcam ciclos econômicos. O capitalismo então como sistema econômico se utiliza, através de seus atores, de inúmeros mecanismos (propaganda, publicidade, fidelização, etc..) para atingir seus objetivos.

Löwy (2005) resgata a metáfora de Benjamin que o compara a uma religião que cria, institui e destitui seus próprios deuses, pois não possui nem teologia, nem dogma específico, todavia pode o dinheiro em papel-moeda (e penso também que suas variações cartão de crédito, fundos, derivativos, opções etc.) ser o objeto de contemplação e de cultuação do sistema. O sistema capitalista elegeu o dinheiro como seu Deus, e ele próprio produz o espetáculo e a riqueza. O capitalismo é um sistema que sustenta a barbárie.

As estratégias oferecidas pelo capitalismo à humanidade visam capturar a subjetividade e adormecer a capacidade de pensar, de um agir não-naturalizado, mantendo a ingenuidade da consciência, e isto pode ser visto no mundo contemporâneo, mundo técnico-científico, Neste mundo artificializado pela ciência e pela técnica, há corpos artificializados,

ditadura da felicidade e paz “garantida” pela guerra e pelo uso de instrumentos de controle técnico, dinheiro e poder. Paz e felicidade tornaram-se mercadorias e foram objetificadas no discurso capitalista.

Ao lado de tudo isso, as subjetividades fluídas (BAUMAN, 2001) ratificam a permanência da crise, e das alternativas sistêmicas criadas para “burlar” a crise. Como exemplo, cito: livros de auto-ajuda, medicina estética, uso compulsivo de medicação para “acalmar” angústias e prolongar a vida, uso de recursos tecnológicos para acelerar e comprimir o tempo e o espaço. O homem e o mundo contemporâneo não são os mesmos com que Edmund Husserl se deparou, entretanto o que eles vivenciam hoje foi iniciado num projeto de desenvolvimento, de progresso que propagou um discurso de qualidade, mas que na verdade disseminou o pensamento positivo, o misticismo e a unidimensionalidade como modo de ser e estar no mundo.

3 A RAZÃO E SEUS DESCAMINHOS

“o positivismo decapita por assim dizer a filosofia”

Husserl (2008, p. 25)

Por que falar em descaminhos? É possível?

Sim, penso sê-lo. Descaminho no sentido fenomenológico significa retirar aquilo que encobre o caminho, no caso do termo retirando o prefixo - des -, temos diante da consciência o caminho nu, em carne e osso. É preciso desvelar, descobrir no sentido de retirar aquilo que encobre o caminho. O caminho como nos mostra a Ciência tem suas bases calcadas na Razão e na Técnica, ambas pautadas no pensar positivo.

O caminho adotado pela Ciência e pela Filosofia tornaram as relações entre sujeito e objeto separadas do sentido de relação e

passaram a ter o sentido de objetificação, um como causa ou efeito do outro. É preciso concordar com Husserl e seus predecessores no argumento de que o sentido precisa ser reestabelecido, principalmente quando se entende que ciência e técnica deveriam estar a serviço da humanidade, e não o contrário. Vale então lembrar a missão que Husserl (2008) vê para a Filosofia e para o filósofo enquanto um servidor, um funcionário da humanidade.

A razão é um tema caro para Husserl, principalmente pelo fato de ter intuído e visto as evidências da irracionalidade e dos descaminhos e dos possíveis usos inadequados que estas causariam à humanidade. É a partir do momento em que Husserl vê os descaminhos da razão na cultura europeia que as suas preocupações ficam mais acirradas.

Husserl não teve a intenção de desmerecer a ciência e suas contribuições, mas sim por em cena o excessivo uso da racionalidade no modo de conduzir as investigações, modo este que promoveu a perda de fundamentos, principalmente aqueles que ocasionaram a separação entre subjetividade-objetividade, consciência-mundo, razão-emoção, sujeito-objeto, dando mais importância ao fato, ao objeto ou ao sujeito da investigação, vistos isoladamente. Ele se mostrou contrário à perspectiva de ter a filosofia perdido o lugar que ocupava no cenário científico, subordinando-se ao modo de pensar positivista e ingênuo da ciência natural⁹. Para isso, ao tentar dar um lugar de destaque à Filosofia, Husserl (1992) cria a fenomenologia e a define não apenas como um método, mas como uma ciência, uma conexão entre disciplinas, enquanto método e atitude que tem como prerrogativa básica o caráter filosófico rigoroso e radical.

Em *A filosofia como ciência de rigor*, Husserl (1965) teceu um panorama das relações que o cientista positivista teve nas ciências, na Psicologia e na Filosofia, principalmente no que diz respeito à naturalização

⁹ Ver A ingenuidade da ciência (HUSSERL, 2009)

da consciência e na matematização da vida. A crítica husserliana visa acima de tudo tentar alertar para as conseqüências futuras do apego a um modo de pensar e investigar, que ao invés de privilegiar um modo de pensar integrado e considerando a relação consciência-mundo, colocou a consciência como mero objeto de investigação. Nesta obra, com muita delicadeza intelectual e aprofundamento teórico sobre o que acontecia no mundo da vida, na sociedade européia do século XX, que ele deixa claro os problemas que a humanidade enfrentaria com o advento desenfreado e os rumos do pensamento naturalista, do historicismo, do psicologismo e da filosofia ideológica.

As influências do Naturalismo¹⁰ nas ciências do espírito permitiram que o modo positivista e objetivista promovesse a “naturalização da Razão¹¹”, e do modo como se vê os fenômenos, migra-se para a atitude investigativa nas ciências frente aos problemas do homem e da humanidade. Coloca o homem e a natureza como meros objetos de dominação do próprio homem. A inquietação perdeu espaço para a quietude que não é sinônimo de paz, mas de acomodação.

Novaes (1996) é um dos intelectuais contemporâneos que tem uma visão plural e interessante, principalmente pelo fato de que transita com considerável delicadeza intelectual por temas e teóricos diversos, dando os devidos créditos aos fundamentos de suas discussões. Um destes teóricos a que ele se refere é Husserl por este apontar sua preocupação e intenção para a relação entre crise e razão. O modo como Novaes discute *A Lógica Atormentada* e conduz a sua reflexão sobre o contemporâneo é instigante e merece aqui destaque:

A razão no sentido forte do termo, traz em si mesma uma lógica atormentada que, a cada momento, presta contas do poder

¹⁰ A definição de Naturalismo é encontrada em Husserl (1965).

¹¹ idem (1965)

que exerce. Assim, toda razão é enigma, se entendermos razão como o encontro com os opostos em um movimento sem fim. Nesse sentido, crise e razão tem um só e mesmo destino: se formos à origem do vocábulo, vemos que a palavra crise deriva do grego crise Krisis, que quer dizer 'juízo', 'decisão', 'capacidade de julgar', 'faculdade de pensar'; o logos grego (ou a ratio latina) também quer dizer 'julgar', 'faculdade de pensar', e pensar, como todos sabem, é 'pesar', 'decidir'. Crise e razão já nasceram de mãos dadas (2002, p. 38)

Partindo de uma perspectiva frankfurtiana e de um olhar atento sobre o contemporâneo, e sobre a arte numa sociedade de massa, bem como pelo modo de ser e estar no mundo elegido pelo capitalismo, Soares nos ajuda a ilustrar esse modo de ser do contemporâneo que é permeado pela razão calculista onde o autor propõe uma razão sensível:

Vivemos em um mundo que não gosta da revolta nem da crítica, que acredita plenamente na ordem natural das coisas e que pede a cada um e a todos para se adaptarem, por um simples "cálculo" individual. O mundo contemporâneo não gosta da "universalidade", tendo no dinheiro sua única exceção. Somos todos definidos como consumidores, não como cidadãos, muito menos como pessoas. Nosso mundo também não gosta da aposta, do acaso, do risco, do engajamento. É um mundo cada vez mais obcecado pela segurança, onde cada um, isoladamente, deve calcular e proteger o seu futuro. (2002, p. 38)

Mundo este onde a crise que se percebe é acima de tudo uma crise de valores, uma crise da subjetividade, do homem que foi "chamado" e, escolheu ficar entregue à racionalidade técnica, inserindo-se numa cultura de massa, onde os objetos e as coisas banais passaram a ter mais sentido que ele próprio. Ele próprio é, no capitalismo de consumo, não mais um contemplador da mercadoria, mas a própria mercadoria (BAUMAN, 2008, p. 20): "A característica

mais proeminente da sociedade de consumidores – ¹² ainda que cuidadosamente disfarçada e encoberta – é a transformação dos consumidores em mercadorias (..)

Vemos também, se revelando dia a dia, um apego massivo aos bens de consumo, quase sendo determinantes da própria constituição humana, se não os tivermos não seremos, felizes. E a felicidade tornou-se mercadoria adquirida em farmácia, em corpos, em bens e objetos de consumo, tornou-se pílula, passou a ser mensurada e estimulada, e também, por exemplo, associada imediatamente ao dinheiro, ao sucesso e à posição social, propagada hoje pelos livros de autoajuda financeira, por exemplo.

Cada fenômeno traz em si mesmo os elementos suficientes para a sua compreensão, não precisamos agir para comprovar teorias, nem para refutá-las. Na atitude fenomenológica, nós vamos com um olhar atento ao que se mostra diante de nós, buscando compreender o que é que se mostra e como se mostra: como se mostra à consciência que intenciona, que escolhe, que percebe, que deseja, que sente, que fantasia, que age, que produz.

Noemae noesis são termos que Husserl utiliza para demonstrar a ligação e a inseparabilidade entre Consciência e Mundo, entre eu e o outro, entre sujeito e objeto. É através da compreensão da relação entre o pensar e o pensado, entre o lembrar e o lembrado que o vivido, na sua pureza, é compreendido. Entre crise e razão não há separação, pois o uso irracional da razão promoveu as crises, e a mesma razão é chamada para tentar solucionar as crises.

É, mas tudo isso parece complexo? Para uns pode parecer abstrato? Engano daqueles que não se dispuseram a se debruçar sobre os escritos de Husserl, bem como buscar relações com outros olhares. A fenomenologia nos permite ir além sem pressupostos, sem a priori.

¹² Para compreender mais sobre sugere-se a leitura dos artigos de Borba (2009) Fenomenologia da literatura de auto-ajuda financeira ou A literatura de auto-ajuda financeira na hipermodernidade de Borba e Sares (2011).

O paradigma explicativo e científico onde tudo se explica e onde se busca comprovação e validação, da maneira mais sedutora possível, como uma garantia de “quase certeza”, não é capaz de responder aos dilemas da contemporaneidade da existência.

Como alternativa, a fenomenologia proposta por Husserl como atitude e como um método de rigor é revista, repensada, criticada e atualizada por diferentes pesquisadores e profissionais que visam associar seus fundamentos em usos na clínica, na academia, na pesquisa, e na vida cotidiana, tentando compreender e não apenas explicar as coisas.

A máxima de Husserl “voltar às coisas mesmas”, promovendo uma redução, não no sentido de reduzir, mas de reconduzir ao sentido fundante, ao fundamento, a essência. É preciso pensar qual o fundamento da crise atual?

É preciso estar disposto a conhecer, a estudar os fundamentos para se ter clareza do que se está fazendo e do que se fará. É preciso por em cena a atitude fenomenológica diante do mundo, diante da vida, diante dos fenômenos que se revelam, e isso, requer disciplina, estudo, leitura, experiência, enfim viver a fenomenologia. Se apenas o pesquisador se decidir a usá-la como um simples método, dentro de caixinhas teóricas, terá grande decepção ou dirá: isso é uma abstração da realidade, não é possível se ter validade.

O olhar sobre os descaminhos da razão no mundo contemporâneo nos faz ratificar que a fenomenologia e as contribuições dos pensadores frankfurtianos, bem como dos filósofos da existência são capazes de nos fornecer um modo alternativo de ver a coisa em “carne e osso” como disse Husserl. Diante disso, é possível por questões para reflexão: Que novo caminho pode ser pensado? Que sentido quer o homem para sua existência? O que se pode fazer numa sociedade que elegeu o consumo, as tecnologias e a barbárie como modo de ser, de existir e resolver os problemas que

afetam o humano? É preciso pensar. E como diria o poeta Fernando Pessoa "O que em mim sente, está pensando."

REFERÊNCIAS

- BORBA, Jean Marlos Pinheiro. O conceito de natureza na fenomenologia: reflexões a partir de E. Husserl e suas contribuições para a Psicologia de base fenomenológica. Anais do II Congresso Luso-brasileiro de Fenomenologia/ IV Congresso Internacional da Sociedade Brasileira de Fenomenologia. Paraty, RJ: SBF, 26 a 28 out. 2009. Disponível em: < www.sbfenomenologia.com.br/.../files/files_4abe372dc5cbb.pdf>
- BAUMAN, Z. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- _____. Vida líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- _____. Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. Capitalismo Parasitário. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- CARCANHOLO, Reinaldo A Interpretações sobre o Capitalismo Atual. Disponível em: < http://www.sep.org.br/artigo/1107_e0967aaccebb55f0db9ffea02e674715.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2009.
- HUSSERL, Edmund. A filosofia como ciência de rigor. Coimbra: Atlântida, 1965.
- _____. A Idéia da Fenomenologia. Lisboa: Edições 70, 1992.
- _____. A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental: uma introdução à Filosofia Fenomenológica. Phainomenon e Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa: Lisboa, 2008.
- _____. A ingenuidade da ciência. Scientiæ Zúdia, São Paulo, v. 7, n. 4, p. 659-67, 2009. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/ss/v7n4/a08v7n4.pdf>>.
- LIBERMAN, Kenneth. Reespecificação da fenomenologia de Husserl como investigações mundanamente situadas. Sci. stud., São Paulo, v. 7, n. 4, Dec. 2009. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-31662009000400005&lng=en&nrm=iso>. access on 02 June 2011. doi: 10.1590/S1678-31662009000400005.
- LIPOVETSKY, Giles. A felicidade Paradoxal: ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo. Lisboa: Edições 70, 2007.
- _____. Os tempos hipermodernos. São Paulo: Barcarrola, 2004.
- LÖWY, Michael. O capitalismo como religião. Folha on line. São Paulo, 29 set. 2005. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/fsp/mas/fs1809200508.htm>. Acesso em: 18 set. 2005.

MACFARLANE, Alan. A cultura do capitalismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

MÉSZAROS, Istvan. Para além do capital: rumo a uma teoria da transição. São Paulo: Boi Tempo; Campinas, SP: Unicamp, 2002.

_____. A crise estrutural do capital. Revista Outubro, 2004. Disponível em: <http://www.revistaoutubro.com.br/edicoes/04/out4_02.pdf>. Acesso em 8 fev 2008. p. 7-15.

_____. A crise estrutural do capital. Revista Outubro, 2004. Disponível em: <http://www.revistaoutubro.com.br/edicoes/04/out4_02.pdf>. Acesso em 8 fev. 2008. p. 7-15.

NETTO, José Paulo, BRAZ, Marcelo. As crises e as contradições do capitalismo. Cap. 7. Economia Política: uma introdução crítica. V.1. São Paulo: Cortez, 2006. (Biblioteca básica de serviço social; v.1), p. 156-167.

SOARES, Jorge Coelho. Escola de Frankfurt: unindo materialismo e psicanálise na construção de uma psicologia social marginal. In.: JACÓ-VILELA, Ana Maria e outros (org.). História da Psicologia: rumos e percursos. Rio de Janeiro: Nau, 2007. Capítulo 29, p. 473-501.

SILVA, Marcella Marino Medeiros. Razão e historicidade no último Husserl. Sci. stud., São Paulo, v. 7, n. 4, Dec. 2009. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-31662009000400007&lng=en&nrm=iso>. access on 02 June 2011. doi: 10.1590/S1678-31662009000400007.

ZILES, Urbano. A fenomenologia husserliana como método radical. In.: HUSSERL, Edmund. A crise da humanidade européia e a filosofia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996. (Coleção Filosofia; 41)